CENTRO UNIVERSITÁRIO DO MARANHÃO – UNICEUMA

COORDENADORIA DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

THAMIRES DE SOUZA SANTOS

CPD: 934756

2º PERÍODO

NÃO NASCEMOS PRONTOS

MÁRIO SÉRGIO CORTELLA

São Luís

2012

O livro “não nascemos prontos” de Mário Sérgio Cortella conduz o leitor a inúmeras reflexões do cotidiano. Essas reflexões nos levam a pensar o porquê das coisas, das pessoas, dos costumes, do senso-comum da sociedade.

No primeiro capítulo vimos a preocupação que o autor tem em demonstrar a rejeição ao comodismo, onde ele diz que não devemos nunca nos satisfazer das coisas, que devemos sempre querer mais, buscar mais, aprender mais, exigir mais, insistir e esforça-se mais.

No capítulo *está faltando espanto*, o mentor critica a banalização consumista, a escravidão tecnológica e a falta de espanto das pessoas com os objetos tecnológicos. Contudo, sem o uso da tecnologia, é quase impossível gerir uma empresa, pois o mesmo tornou-se indispensável para a aceleração do trabalho, nas informações recebidas e no *feedback* dado ao mercado.

Entretanto, o mesmo diz que não devemos abandonar a tecnologia e sim, não perdermos a capacidade de ficar espantado.

No capítulo *cuidado com a tacocracia*, Mário Sérgio menciona a velocidade como tudo acontece, como a pressa é constante na vida das pessoas, como o dizer “não temos tempo” está sempre presente. Ele diz, que nem o relógio olhamos mais para saber que horas são, mas, isso sim, para verificar “quanto falta” (página 20). Na administração o tempo é essencial, é a máquina dos negócios! Isso quer dizer que não podemos perder tempo, “matar o tempo”, é preciso ser amigo dele, andar e lidar com o mesmo.

Tempo é dinheiro? Claro que sim. Se não o fosse, não existiria as Bolsas de Valores, onde o mercado vive em grandes oscilações, que é necessário estar no ritmo da economia, o preço de ações e/ou títulos das nove da manhã não é o mesmo dos da dez; e assim sucessivamente. Pois o que está em alta agora nesse exato momento, daqui a dez minutos talvez não esteja mais.

No capítulo *o naufrágio de muitos internautas* o escritor faz alusão que não se deve confundir informação com conhecimento. Pois transformar informação em conhecimento, exige critérios de escolha e seleção. O mesmo ocorre em uma empresa, o gestor tem que diferenciar o dispensável do indispensável, a internet tem que ser a mediadora das negociações com clientes, fornecedores, bancos e etc. A mesma tem ser segura e deve servir como conectora dos funcionários para melhorar o ambiente corporativo.

No capítulo *nada do que é humano me é estranho?*, o autor cita o egonarcisismo na construção de uma convivência humana irmanada, onde os ditados “cada um por si e Deus por todos” reinam no vocabulário competitivo. No entanto, para uma organização evoluir, é preciso que os colaboradores estejam integrados entre si, que estejam preocupados com o bem-estar de outrem, que deem maior importância para os costumes e valores do que ao financeiro, que deem menos importância à competição entre si, do querer ser melhor que o outro.

No capítulo *descanse em paz?,*o autor implica a importância de darmos atenção as recordações, ao tempo de ir ao velório de um ente querido ou apenas de um conhecido. No mesmo capítulo, o escritor faz referência de que as crianças não são levadas aos velórios, para poupá-las da dor. Do que adianta não levá-la? Sendo que mais tarde ela vai ter que aprender a lidar com a situação. O mesmo acontece com o gestor, ele não pode deixar de lidar com situações difíceis na empresa, pois possivelmente ocorrerão sérios problemas futuramente. O administrador tem que lidar com todas as questões do microambiente e macroambiente, ele tem de ser disposto e seguro para solucionar problemas passados, presentes e futuros.

A *marketing* está presente no capítulo *o futuro saqueado*, em que objetos são anunciados como os portadores do segredo da felicidade. Onde as crianças perdem a capacidade de brincar sozinhas em um mundo ilusório e que para brincar precisa-se de materiais para o mesmo. A mídia vinculadora de um pensamento exacerbado do consumismo acelera a produção no mercado e cria no subconsciente dos consumidores que é preciso ter isso ou aquilo. Ela move a economia e conseqüentemente, aumenta a busca por serviços e produtos.

No capítulo *saudável loucura,* Mário dá ênfase ao carnaval brasileiro de que nesse período momesco as pessoas param de trabalhar para brincar, uma das críticas são as de que pessoas moralistas dizem que o Brasil - um país pobre -, não vai pra frente porque já existem tantos feriados e ainda paramos de produzir por três dias.

Entretanto, o carnaval brasileiro é conhecido mundialmente. Nessa época, recebemos turistas de todo o mundo. Sem contar com o turismo nacional que está alavancando nesses últimos tempos. Mas, a economia industrial tem uma queda por causa dos feriados prolongados. Em contrapartida, a economia no setor hoteleiro, no setor artesanal, no setor de bebidas e alimentos entre outros cresce gradativamente nesse período.

No capítulo *dinheiro, pra quê dinheiro?*, o mentor exemplifica a importância do dinheiro em nossas vidas e assim, hipoteticamente ele diz o que a maioria das pessoas iriam fazer se ganhassem 100 milhões de uma determinada moeda na loteria. O dinheiro é um dos principais motivadores do colaborador, ele faz com que o mesmo se desempenhe mais de acordo com o salário recebido. O dinheiro traz ascensão social, segurança, conforto e qualidade de vida.

Entretanto, a Teoria das Relações humanas vai de encontro a essa perspectiva, pois para ela o desempenho de um trabalhador é inerente aos incentivos financeiros.

No capítulo *se você parar para pensar...,* o autor diz que não podemos parar de pensar, pois isso prejudicaria as pessoas que estão no mundo dos negócios, que só entendem e tratam as pessoas como consumidores vorazes e insanos.

Entretanto, se a empresa não tiver uma boa desenvoltura no atendimento ao cliente, ela dificilmente evoluirá. O consumidor não quer só comprar, ele quer ser bem atendido e receber diferencial da empresa. Ele precisa sentir que a mesma o entende e que se preocupa. Do contrário, ele presta queixas no SAC e/ou PROCON, relatando possíveis problemas de demora no atendimento, na devolução e troca de produtos, no constrangimento ao ser recebido, nos danos materiais etc.

No mesmo capítulo, é retratada a importância dos cuidados com o corpo e com a mente, que é preciso dormir mais, descansar mais, ter mais horas de lazer etc. Isso acontece porque deixamos de nos preocupar com a nossa vida pessoal, com a saúde e alimentação. Tudo por causa da correria louca do dia a dia, pela busca de dinheiro, de conforto, de segurança e ascensão social. Temos que lidar melhor com isso, temos que dedicar um tempo generoso a família, ao lazer e principalmente à saúde. O corpo pede e suplica cuidados.

No capítulo *enquanto há vida...,* o locutor dá relevância ao sonho e ao esforço, no sentido de conquistar o desejado, o ansiado, o querido. No trecho “quando nada parece ajudar, eu vou e olho o cortador de pedras martelando sua rocha talvez cem vezes sem que uma só rachadura apareça. No entanto, na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas, e eu sei que não foi aquela a que conseguiu, mas todas as que vieram antes”, é preciso lutar, persistir, continuar e nunca desistir. Alcançamos nossos sonhos e realizações através da capacidade de aprender a cada dia com um erro e melhor ainda com um acerto, o administrador não pode acomodar-se, conforma-se, ele tem que procurar diariamente realizações materiais, espirituais e emocionais.

No capítulo *o triunfo da morbidez?*, o *stress* é mencionado como conseqüência da correria do dia a dia e caracterizado como normal ou comum.Apesar disso, as pessoas passam a tomar medicamentos calmantes para conviver com o mesmo. Administradores, economistas, contadores, médicos e professores, são os maiores afetados pelo o *stress*, pois sofrem maiores pressões e cobranças na organização por um melhor desempenho no trabalho.

No capítulo *quem avisa amigo é...,* é exemplificada a época vivenciada de interesses recíprocos, em que a competitividade e uma base financeira se sobressaem sobre os valores morais. O autor satiriza o “mundo dos negócios”, no sentido da necessidade de conhecer pessoas e de ampliar contatos, sem que tenha alguma aproximação maior. Isso acontece sempre, pois a idéia de conhecer pessoas não quer dizer que elas precisam estar presentes em todos os vínculos sociais, é preciso distinguir cada pessoa, o administrador tem que lidar com todos que estão ao seu redor, com clientes, funcionários e fornecedores. Não é necessário ele ter afetos sobre os mesmos, ele apenas precisa ter apenas um bom relacionamento profissional.

No capítulo *a ameaçadora consciência letárgica,* é evidenciada a procura por tomadas de decisões em que o líder tem de opinar, criticar, aprovar ou discordar. O mesmo tem que ter uma postura segura, para passar a mesma aos funcionários, ele tem de ser o primeiro a motivar e a posicionar-se diante dos conflitos existentes.

Entretanto, ele tem de avaliar o lado de cada um para ser justo nas decisões. Ele tem que buscar o equilíbrio da empresa mesmo que seja impossível de tê-lo plenamente.

No capítulo a *resignação como cumplicidade*, o mentor abre um discurso da decadência da sociedade que é caracterizado pela acomodação e pela espera desalentada. O mesmo pode acontecer em um empreendimento quando o mesmo correr riscos de adentrar em falência, ou supostamente está à beira do acontecimento. Não se deve esperar o pior acontecer, não se pode prostrar-se diante da situação, o administrador não pode aceitar o fracasso, como diz Peter Drucker “a causa mais comum do fracasso do gerente é a incapacidade ou a falta de vontade de mudar diante das exigências de uma nova posição”, ele tem que buscar soluções imediatas, ele tem que “meter a mão na massa”, para que nesse caso a empresa venha a sair de tais problemas.

No capítulo *os dentes do tempo,* o escritor diz que o tempo devora certezas, materialidades, expressões, relações, e anuncia rupturas e esquecimentos. Fora desse contexto, o autor revela que há uma década e meia atrás, as pessoas eram selecionadas em um emprego se as mesmas tivessem o diploma do curso de datilografia. O que não é diferente agora, pois para uma pessoa estar inserida no mercado de trabalho é necessário que ela tenha um bom currículo, uma boa carga horária de cursos variados, que ela fale outro idioma fluente etc. O mercado exige muito do profissional para que ele se reciclee que se inove, para que seja curioso, que seja proativo e conseqüentemente, que ele possa somar para a empresa.

No capítulo *janus à espreita*, é mostrado à importância dos valores, de promover a sinceridade das relações interpessoais, de fortalecer a lealdade e a fidelidade. Levando isso para o campo administrativo, é imprescindível que o grupo esteja interagido e que tenham um relacionamento saudável e sincero, para que aja um bom desempenho e um bem-estar com todos.

No capítulo *quiproquó*, o autor usa mais uma vez o seu humor satírico para dizer que os problemas do país são por mero acaso, pois todos os planos estão certos. Temos de reavaliar os planos, os projetos, os acasos. O gestor não pode deixar o erro persistir, tem que corrigir, tem de ser mais estrategista e preciso para atingir o alvo ansiado.

O capítulo *douradas pílulas* vem mais uma vez mostrar o apelo midiático de que “precisas ter! Precisas possuir! Precisas comprar!”. De certo modo, vira uma exposição exagerada de que o produto faz milagres, que ele muda a sua vida. A compulsão em comprar estoura cartões de créditos, leva o consumidor na maioria das vezes em um estado de desespero financeiro.

Entretanto, o mercado lucra através de propagandas publicitárias utilizando artistas de vários gêneros, para despertar o gosto do consumidor de querer possuir mais uma vez o que está na “moda”. O consumidor é insaciável! Hoje ele tem algo que amanhã não serve mais, que está atrasado, que está defasado. Ele quer ser o *it da moda*, e de certa maneira cria ilusões sobre os produtos que nem sempre satisfazem os desejos e necessidades.

No capítulo *vergonhas amargas* o autor critica as desgraças em que a população miserável de São Paulo enfrenta: pessoas famintas, sem teto, adoentados, desempregados e que, além disso, ainda sofrem com humilhações diárias. A sociedade tem culpa, pois elas são omissas de tais problemas, deixando que a maré leve os problemas e de nada o fazem para mudar. Os governantes são os culpados de tais causas, mas não o solucionam porque a sociedade não cobra, não critica, não tomam os problemas para si.

Logo, no seguinte trecho de Paulo Freire tem-se, “a melhor maneira que a gente tem de fazer possível amanhã alguma coisa que não é possível de ser feita hoje é fazer aquilo que hoje pode ser feito...” O dirigente não pode acumular tarefas, ele tem de solucionar processos diariamente. (AQUI)

No capítulo *sábia consciência*, o mentor propõe que devemos ir atrás de outras indagações, que devemos observar com outros olhares e que não podemos ter a certeza que já temos a posse do conhecimento. O empresário tem que ver sua empresa com um olhar clínico, sem sofrer influências, ele tem que ter a visão do cliente e abranger em mínimos detalhes o que há de fazer para incrementar.

Logo, temos sempre que buscar o conhecimento, mas não podemos nos alienar com tudo o que lemos. Como o sábio professor Samuel Júnior diz: “não acredites em tudo o que ler!”.

No capítulo *destino, um confortável desejo*, o escritor comenta sobre a presente necessidade de fazer escolhas, e ter de aceitar o resultado daquilo que se escolheu. A escolha pode ter sido certa ou não. No caso de ter dado errado, os administrador começa a passar por pressões, para saber o motivo de não ter dado certo. A pressão, no entanto, é aumentada por ele mesmo e assim, ele se sente frustrado pelo erro cometido.

A frustração não é motivo para culpar alguém, ela tem que servir para perceber que tem algo errado. Que temos que mudar a estratégia, que temos que reavaliar os meios para alcançar os objetivos. A frustração como diz Ralph Marston: “nos dá foco”.

Mais uma vez Mário dá ênfase à falta de atenção com o tempo no capítulo *um persistente cio*, em que as pessoas das grandes metrópoles dizem “não tenho tempo a perder”, e assim, deixam de ler bons livros que dão sensações de prazer.

Portanto, é necessário o gestor cuidar do tempo, para que ele renda lucros futuramente, pois o tempo é o melhor aliado do gestor, e como dizia Peter Drucker “gerentes eficazes começam identificando onde o seu tempo é realmente empregado”.

REFERÊNCIAS

<http://www.infomoney.com.br/financas/noticia/1595961>

<http://www.administradores.com.br/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_das_rela%C3%A7%C3%B5es_humanas>